

Espiritismo e profecia: uma análise da dimensão política das expectativas proféticas no espiritismo brasileiro

Spiritisme et prophétie: une analyse de la dimension politique des attentes prophétiques dans le spiritisme brésilien

Sinuê Neckel Miguel*

Resumo: O artigo trata dos modos como se desenvolveram narrativas proféticas na história do espiritismo no Brasil, tendo em vista sobretudo os seus possíveis significados políticos. Assim, analisamos obras que tratam da ideia de transição planetária para um mundo futuro de regeneração, observando como ideias de progresso, de providência divina, de seleção de espíritos e de embate entre o bem e o mal relacionam-se com a dimensão política da religião espírita em distintos contextos históricos, de finais do século XIX aos nossos dias.

Palavras-chave: espiritismo; profecia; política

Résumé: L'article traite de la manière dont les récits prophétiques se sont développés dans l'histoire du spiritisme au Brésil, en particulier en considérant leurs possibles significations politiques. Ainsi, nous analysons des ouvrages qui traitent de l'idée de transition planétaire vers un monde futur de régénération, notant comment les idées de progrès, de providence divine, de sélection des esprits et de lutte entre le bien le mal se rapportent à la dimension politique de la religion spirite dans différents contextes historiques, de la fin du XIXe siècle à nos jours.

Mots-clés : spiritisme; prophétie; politique.

* Professor da UEPB. Mestre em História e doutor em Ciências Sociais pela UNICAMP.

Introdução

Desde os escritos de Allan Kardec o espiritismo se fez porta-voz de uma narrativa otimista, centrada na ideia de progresso, apontando para um futuro “mundo de regeneração” que viria a superar o atual “mundo de provas e expiações”. Essa concepção, que perpassa noções que vão do léxico liberal ao socialista utópico, passando pelo positivista, abrigou renovadas expectativas entre seus adeptos acerca de grandes transformações que haveriam de se processar no planeta em favor desse esperado mundo onde não mais vigeria a predominância do mal.

Essas expectativas permaneceram sendo alimentadas pela literatura espírita brasileira, com obras como *A Caminho da Luz e Brasil* e *Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*, ambas do médium Francisco Cândido Xavier, com autoria espiritual atribuída respectivamente ao espírito Emmanuel e ao espírito Humberto de Campos. A mais recente obra desse matiz, *No Rumo do Mundo de Regeneração*, do médium e orador Divaldo Franco, assinada pelo espírito Manoel Philomeno de Miranda, foi publicada no dia 31 de dezembro de 2020, apresentando uma narrativa acerca dos “bastidores espirituais” em operação no contexto atual da pandemia da Covid-19.

Diante dessas narrativas, nosso estudo propõe uma análise histórica acerca da configuração religiosa e política da identidade espírita no Brasil no que tange sua conformação a um ideal de neutralidade política imbricado a uma crença profética na promoção de um “mundo de regeneração” orquestrada por espíritos superiores. Examinando a referida literatura, bem como artigos em periódicos espíritas como a revista *Reformador*, da Federação Espírita Brasileira, pretendemos delinear o imaginário espírita acerca da transição para um mundo futuro idealizado, articulando-o com determinadas posições políticas que foram desenvolvidas ao longo da história do espiritismo.

Religião, política e profecia

O modo como as religiões se relacionam com o tempo, particularmente o modo como a experiência vivida é traduzida em termos “extramundanos” no transcurso do tempo, tem importantes implicações políticas. Desde o zoroastrismo, o mito do combate entre ordem e caos, tradicionalmente operatório à conservação do *status quo*, sofre uma transformação fundamental, adicionando uma escatologia com o potencial de inverter os termos do combate, de modo que o *status quo* abriga o caos e o apocalipse conduziria à afirmação de uma ordem definitiva, perfeita. Como afirma Norman Cohn, “o mito tradicional, como era

conhecido no antigo Oriente Próximo antes de Zoroastro, foi transformado em fé apocalíptica” (COHN, 1996, p. 157). E arremata:

Esta era uma percepção do mundo drasticamente nova e abriu novas possibilidades. As visões de mundo que conheciam apenas um cosmos eterno e imutável, mas sob a constante ameaça do caos, eram essencialmente conservadoras. Embora pudessem conquistar a fidelidade de toda uma sociedade, serviam sobretudo aos interesses das autoridades estabelecidas. (...)

Originalmente, no pensamento do próprio profeta, o conflito entre Ahura Mazda e Angra Mainyu refletia um conflito social, e o “tornar maravilhoso” significava, entre outras coisas, a resolução desse conflito. No mundo presente, guerreiros ricos e poderosos estavam espoliando indefesos criadores de gado e suas manadas; no mundo perfeito do porvir, estes iriam prosperar e os guerreiros predadores seriam consumidos pelo fogo. Algum eco dessa época remota permaneceu: os ensinamentos zoroastrianos mantiveram sua capacidade, em determinadas circunstâncias, de inspirar indivíduos ou grupos dissidentes a aguardar com confiança o dia em que a ordem estabelecida seria abolida e se derrubariam as autoridades existentes, enquanto eles próprios seriam recompensados e exaltados. Quando a escatologia zoroastriana foi assimilada e adaptada por não-zoroastrianos, isto ocorreu em escala grandiosa (...).” (COHN, 1996, p. 157)

Para nossos propósitos em relação ao estudo do espiritismo, é particularmente interessante notarmos que a tradição profética judaico-cristã, caudatária do zoroastrismo, se notabilizou por dar uma dimensão propriamente histórica à passagem do tempo, com a linearidade escatológica rompendo com o tempo cíclico, com o “mito do eterno retorno”. Como aponta Sérgio da Mata, essa tradição, com sua expectativa de libertação futura, de caráter apocalíptico, tensiona outra tradição, a do cânone, voltada para o passado, para a tradição ritual e das escrituras sagradas, protegidas pelo sacerdote (MATA, 2010, p. 23-29).

De acordo com Reinhart Koselleck,

A história da Cristandade, até o século XVI, é uma história das expectativas, ou, melhor dizendo, de uma continua expectativa do final dos tempos; por outro lado, é também a história dos repetidos adiamentos desse mesmo fim do mundo. (KOSELLECK, 2006, p. 24)

A dimensão política da escatologia cristã pode ser entendida em termos de sua ambiguidade: pode assegurar unidade e estabilidade sob a égide do poder estabelecido, mas também pode ser um potente detonador disruptivo, quando acionado por impulsos rebeldes. É nesse sentido que o profetismo e o messianismo têm o potencial do engajamento político, possivelmente de caráter revolucionário, vinculando-se a horizontes utópicos (MATA, 2010, p. 122). Por isso mesmo, o profetismo foi regulado pela Igreja Romana – no limite, com a fogueira. Nos termos de Koselleck

(...) o futuro do mundo, assim como o seu fim, foram incorporados à própria história da Igreja, o que fez com que novas e flamejantes profecias fossem necessariamente consideradas heresias. A expectativa do fim do mundo tornou-se parte integrante da própria Igreja como instituição, de tal modo que esta pôde se estabilizar tanto sob a ameaça de um fim do mundo que poderia acontecer a qualquer momento como na esperança da parúsia. O *eschaton* desconhecido deve ser entendido como um fator de integração da Igreja, a qual pôde, dessa maneira, colocar-se temporalmente e moldar-se como instituição. A Igreja é, em si mesma, escatológica. Entretanto, no momento em que as figuras do Apocalipse de João são aplicadas sobre acontecimentos ou instâncias concretos, a escatologia tem um efeito desintegrador. O fim do mundo só é um fator de integração enquanto permanecer não determinável, do ponto de vista histórico e político. (KOSELLECK, 2006, p. 26)

No caso do espiritismo, observamos fenômeno similar no que diz respeito à sua dimensão política. A percepção de que o mundo deve ou deverá ser diferente, melhorado, regenerado, funciona como narrativa agregadora quando mantida sob suficiente imprecisão em termos de conteúdo concreto. A identidade espírita tem sido tradicionalmente forjada em termos de uma genérica narrativa do progresso, capaz de se apresentar politicamente neutra. Essa pretensão à neutralidade sob a marca do genérico é sustentada positivamente como signo de universalidade – que, por definição, a todos abriga. Já quando a ideia de progresso assume contornos políticos mais precisos, como crítica do presente a partir de uma localização explicitamente definida no espectro político, desencadeia-se a desintegração da “família espírita”.

É importante notarmos, porém, que a própria ideia de progresso carrega uma tensão com a expectativa escatológica. Como argutamente assinalou Koselleck, após o sufocar das profecias heréticas, primeiro pela Igreja, depois pelos Estados absolutistas, o tempo estático

da tradição e o limitado e controlável horizonte do prognóstico político estatal serão abalados por um novo tipo de futuro, o futuro do progresso. Esse é caracterizado pela aceleração e pelo seu caráter desconhecido (KOSELLECK, 2006, p. 36). Ora, a escatologia assinala um termo, o “final dos tempos”, predeterminado, ao qual fatalmente chegaremos, ainda que não signifique necessariamente o fim do mundo físico. Já o progresso é concebido como escalada para a perfeição, mas como um horizonte indefinido de possibilidades, que devem se atualizar/realizar pela ação humana no presente. Assim, ainda que o progresso guarde parentesco com a expectativa cristã de um futuro melhor, redentor da humanidade, “as expectativas para o futuro se desvincularam de tudo quanto as antigas experiências haviam sido capazes de oferecer” (KOSELLECK, 2006, p. 318).

Então, podemos assinalar uma tensão transposta para o âmago do espiritismo na sua relação com o tempo e com a política. O espiritismo porta consigo de um lado a tradição cristã escatológica, de um futuro regulado providencialmente por Deus e seus emissários. Nesse sentido, a ação humana pode apenas se adequar ou não aos desígnios divinos, sem o condão de determinar o futuro coletivo (KARDEC, 2020, p. 308). Por outro lado, Kardec é um grande entusiasta da ideia de progresso, fazendo eco ao espírito iluminista revolucionário ao retomar ideias já expressas, por exemplo, pelo marquês de Condorcet (WILSON, 2002, p. 141-147). Ora, esse espírito de progresso convoca à abertura para uma constante renovação das possibilidades de futuro. Inclusive, exigindo mudanças de rumo, correções de acordo com os novos dados da experiência, cujas novidades se apresentavam em fluxo cada vez mais acelerado.

Um eixo central de equilíbrio do espiritismo entre a dimensão da tradição escatológica cristã e a adesão ao progresso em voga é o estatuo da razão. Um dos modos como o progresso, no século XIX, podia se apresentar, com todo o peso do otimismo iluminista, era sob a forma da promessa de um futuro radioso como resultado da própria lógica do desenvolvimento da razão – universal humano por excelência. De onde utopias laicas, como a positivista, apontarem para caminhos “gradualistas”, sem ruptura política revolucionária da ordem estabelecida. A razão, para o espiritismo, seria o atributo humano que lhe capacitaria a aderir conscientemente à lei de Deus, com isso tornando-se ela própria a faculdade que garantiria ao progresso um destino previsto e determinado pela providência divina.

Espiritismo, progresso e mundo de regeneração

Como já sublinharam Artur Isaia e Fábio Luiz da Silva, por exemplo, no espiritismo a utopia do chamado “mundo de regeneração” é expressão teleológica da providência divina, fiadora do progresso advindo das sucessivas experiências reencarnatórias pelas quais passam os espíritos (SILVA, 2012, p. 8-17; ISAIA, 2012, p. 103-104).

Allan Kardec classificou os mundos habitados numa escala evolutiva: inicialmente, mundos primitivos, em seguida mundos de expiação e provas (situação na qual o planeta Terra se encontraria, onde domina o mal), depois mundos de regeneração, mundos ditos (onde o bem sobrepuja o mal) e, por fim, mundos celestes ou divinos (KARDEC, 2019, p. 58). A evolução tem caráter físico e moral, associando desmaterialização à libertação das paixões ligadas à matéria, como seriam o orgulho, a inveja e o ódio. Tais “paixões desordenadas”, “escravizantes”, seriam superadas nos mundos de regeneração, que cumpririam uma função de preparação, de transição para o estágio seguinte, de mundos ditos.

Pode-se identificar um clima de expectativa profética no modo como Kardec concebia o advento do espiritismo em sua missão regeneradora, capaz de acelerar o progresso da humanidade, onde uma grande emigração de espíritos garantiria que a “geração velha” daria lugar à “geração nova”, formada exclusivamente de espíritos propensos ao bem. Aos olhos de Kardec, os sinais precursores do “fim dos tempos”, interpretado como uma época de grande transformação, já eram evidentes nas “tentativas de reformas úteis e que começam a encontrar eco”:

Assim é que vemos fundar-se uma imensidade de instituições protetoras, civilizadoras e emancipadoras, sob o influxo e por iniciativa de homens evidentemente predestinados à obra da regeneração; que as leis penais se vão apresentando dia a dia impregnadas de sentimentos mais humanos. Enfraquecem-se os preconceitos de raça, os povos entram a considerar-se membros de uma grande família; pela uniformidade e facilidade dos meios de realizarem suas transações, eles suprimem as barreiras que os separavam e de todos os pontos do mundo reúnem-se em comícios universais, para as justas pacíficas da inteligência. (KARDEC, 2020, p. 351)

O “mundo velho” chegava a seu termo em favor de uma era de renovação moral. Para tal realização, haveria de ser travada uma luta de ideias, deixando-se para trás as doutrinas do niilismo e do materialismo. O espiritismo, trazendo a certeza da vida futura, com a “perpetuidade das relações entre os seres”, e a garantia de unidade da filiação de toda a

humanidade à Deus, seria um grande propulsor do progresso, sustentando a fraternidade como “pedra angular da nova ordem social” (KARDEC, 2020, p. 339-357).

De um ponto de vista histórico, podemos dizer que nas primeiras décadas do espiritismo brasileiro o republicanismo era a expressão do engajamento pelo progresso, assumindo em muitos casos uma acentuada verve anticlerical, em consonância com a sociabilidade político-religiosa do final do século XIX que aproximava maçons, positivistas, ecléticos, livre-pensadores e, à esquerda, socialistas e anarquistas (ISAIA, 2007; SILVA, 2012; MACHADO, 1996; NOGUEIRA, 2016 e DAMAZIO, 1994).

O gradualismo e o elitismo, típicos do positivismo, também se fazem presentes na retórica do progresso assumida pelos espíritas, pois este deve se dar, preferencialmente, sem sobressaltos e pacificamente, sob a tutela de uma elite esclarecida, tal como teria se dado a Proclamação da República em 1889, elogiada pela Federação Espírita Brasileira em mensagem dirigida ao Governo Provisório dos Estados Unidos do Brasil, publicada no *Reformador* (ISAIA, 2012, p. 113-116).

O debate entre “místicos” e “científicos” (ARRIBAS, 2010) expressava também os distintos modos como se daria esse progresso: seria ele conduzido pela ciência, por trabalho humano, ou seu impulso fundamental estaria na revelação divina? Nas palavras de Bezerra de Menezes, então à presidência da Federação Espírita Brasileira, haveria de se escolher:

(...) entre aquele verdadeiro materialismo, ou espiritismo materialista, que só difere do positivismo no nome, e o nosso misticismo, ou espiritismo religioso, que não quer organizar-se em confissão nem em igreja, que não nega nem repele as ciências, antes deseja a aliança da religião e da ciência; que não quer papa nem concílio, mas que “não pede ao mundo mas sim a Jesus, pensamento do Eterno, a força e a luz para o progresso humano”, segundo o Evangelho, não como código civil, mas como divino repertório das verdades eternas, que regeneram e salvam. (Reformador, novembro de 1896, nº 328, p. 1)

Em outro editorial do *Reformador*, intitulado “Falsos profetas”, Bezerra de Menezes acusa de serem “falsos profetas” os espíritas “científicos”, por se recusarem a seguir a orientação religiosa da doutrina espírita. Nesse editorial, Bezerra traz o apocalipse como evidência para a urgência do engajamento evangélico, assumindo a missão do espiritismo como propagação da mensagem cristã à luz da nova revelação espiritual:

É preciso estar cego para não ver que somos chegados aos tempos apocalípticos, a que tantas vezes se referem os evangelistas.

É preciso ser surdo, para não ouvir os gemidos provocados pela transformação que já se opera e que vai fazer do nosso planeta jardim de flores etéreas, em vez do que tem sido: deserto povoado de dores, de angústias e de sofrimentos. (Reformador, 15 de março de 1896, nº 314, p. 1)

A retórica apocalíptica mobiliza a noção de luta entre o bem e o mal, de um lado Jesus, de outro o príncipe do mundo ou príncipe das trevas. Há que se manter firme do lado da luz, afastando a dúvida, o ceticismo, trabalhando para a vitória do espiritismo sobre as filosofias do nada, do espírito sobre a matéria:

As escolas filosóficas baseadas no nada desaparecem diante da única escola positiva que se baseia nos fatos e na análise dos fenômenos, a escola espírita. Trava-se o combate decisivo entre a luz e as trevas.

Onde tombarem os vícios surgirão daí as virtudes; definhará o orgulho ignorante e subsistirá a humildade cultivada e esclarecida pelo conhecimento de um Deus.

No mundo moral, como na ordem física, as reações são inevitáveis para que se dê a depuração na escala progressiva, de acordo com as leis que regem os seus sistemas. (Reformador, maio de 1914, p. 166-167)

Nesse artigo, intitulado “As Lutas”, é Ismael, tido como o anjo guia do Brasil, que comunica o ápice desse combate com o cumprimento das profecias dos Evangelhos:

Não vos descuideis um momento; porque o príncipe d’este mundo, já julgado pelo Amado Mestre, ainda tem poder sobre vós.

Se assim é, descuidosos não vos senteis sobre a rocha, até que o vulcão, fazendo erupção, venha abrir-se aos vossos olhos, quando então tiverdes só aos vossos pés a profundidade do abismo.

De há muito nós vos prevenimos. Dois elementos se embatem atuando poderosamente sobre os seres: luz e trevas. (Reformador, maio de 1914, p. 166-167)

Uma ideia importante dentro da narrativa da transição planetária é a seleção da parte da humanidade terrestre apta a habitar o mundo de regeneração. Aqueles que não acompanharem o progresso planetário deverão ser degredados para outro planeta, compatível com seu grau de evolução. Podemos ressaltar aqui a importância da noção de mérito na cosmovisão espírita, balizadora da compreensão acerca da justiça divina. Esse é um ponto a se destacar na atração que o espiritismo exerce sobre a classe média letrada, para a qual a ideologia meritocrática tipicamente capitalista é funcional à produção e manutenção de privilégios relativos, sustentando a superioridade do trabalho intelectual sobre o manual (SAES, 1985).

A ideia do degredo, já presente em Kardec¹, ganhou força com a publicação, em 1939, da obra *A caminho da luz*, de psicografia de Francisco Cândido Xavier, atribuída ao espírito Emmanuel, considerado o seu mentor espiritual. Nessa obra, narra-se a história da formação e habitação do planeta Terra, destacando-se as chamadas “raças adâmicas” como originárias de um planeta que orbita a estrela Capela. Esse planeta teria passado pela transição de um mundo de provas e expiações para um mundo de regeneração, sendo que aqueles que não acompanharam essa transição evolutiva foram exilados para o planeta Terra (XAVIER, 2020, p. 27-29).

De modo similar, nosso planeta também estaria em transição para o estatuto de mundo de regeneração. Às vésperas da Segunda Guerra Mundial, a narrativa apocalíptica é potencializada nas palavras de Emmanuel:

As guerras russo-japonesa e a europeia de 1914-1918 foram pródomos de uma luta maior, que não vem muito longe, e dentro da qual o planeta alijará todos os Espíritos rebeldes e galvanizados no crime, que não souberam aproveitar a dádiva de numerosos milênios, no patrimônio sagrado do tempo.

Então a Terra, como aquele mundo longínquo da Capela, ver-se-á livre das entidades endurecidas no mal, porque o homem da radiotelegrafia e do transatlântico precisa de alma e sentimento, a fim de não perverter as sagradas conquistas do progresso. Ficarão no mundo os que puderem compreender a lição do amor e da fraternidade sob a égide de Jesus, cuja misericórdia é o verbo de vida e luz, desde o princípio. (XAVIER, 2020, p. 195-196)

Com base na premissa da escala evolutiva dos planetas, por vezes apresentam-se os grandes flagelos que a humanidade sofrerá como meio de acelerar o processo de transição, já que com desencarnação em massa a necessária seleção espiritual poderia se operar mais rapidamente. Guerras, pandemias e toda a sorte de desastres ambientais seriam, portanto, providenciais. É nesse sentido que Emmanuel anuncia:

¹ Recuperando o raciocínio exposto na resposta à última questão d’*O livro dos espíritos* (KARDEC, 2006, p. 338-339), Kardec, no capítulo XI, Gênese espiritual, da obra *A Gênese*, desenvolve a ideia de raça adâmica como uma “raça proscrita”, constituída de espíritos que foram exilados para a Terra por não terem acompanhado o progresso do seu planeta de origem (KARDEC, 2020, p. 194).

São chegados os tempos em que as forças do mal serão compelidas a abandonar as suas derradeiras posições de domínio nos ambientes terrestres, (XAVIER, 2020, p. 201)

(...)

O século que passa efetuará a divisão das ovelhas do imenso rebanho. O cajado do pastor conduzirá o sofrimento na tarefa penosa da escolha e a dor se incumbirá do trabalho que os homens não aceitaram por amor.

Uma tempestade de amarguras varrerá toda a Terra. Os filhos da Jerusalém de todos os séculos devem chorar, contemplando essas chuvas de lágrimas e de sangue que reventarão das nuvens pesadas de suas consciências enegrecidas. (XAVIER, 2020, p. 202)

Devemos sublinhar como o discurso apocalíptico cumpre uma importante função mobilizadora da religião. A missão regeneradora do espiritismo sobressai-se, estimulando seus adeptos a um reforço do seu engajamento em face da urgência anunciada profeticamente:

Sim, porque depois da treva surgirá uma nova aurora. Luzes consoladoras envolverão todo o orbe regenerado no batismo do sofrimento. O homem espiritual estará unido ao homem físico para a sua marcha gloriosa no Ilimitado, e o Espiritismo terá retirado dos seus escombros materiais a alma divina das religiões, que os homens perverteram, ligando-as no abraço acolhedor do Cristianismo restaurado. (XAVIER, 2020, p. 203)

Aqui é importante destacarmos a necessidade de controle sobre a excitação apocalíptica. Como vimos, a depender do modo como o profetismo se manifesta podem-se produzir desestabilização no seio das religiões bem como sublevações políticas. Então, juntamente com a constante lembrança da missão regeneradora do espiritismo e da expectativa muitas vezes renovada da iminência de uma transição para o mundo de regeneração, se insiste no caráter espiritual, educativo e reformista da tarefa dos espíritas. Envolvimento direto com as “coisas do mundo”, atuação na arena política e engajamento revolucionário são, em regra, excluídos do universo de possibilidades reservado aos espíritas. Um exemplo desse discurso encontra-se na obra profética *Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho*, de psicografia de Chico Xavier e de autoria espiritual de Humberto de Campos:

Depreende-se, portanto, que a principal questão do espiritismo é proclamar a necessidade da renovação interior, educando-se o pensamento do homem no Evangelho, para que o lar possa refletir os seus sublimados preceitos. Dentro dessa ação pacífica de educação das criaturas, aliada à prática genuína do bem, repousam as bases da obra de Ismael, cujo objetivo não é a reforma inopinada das instituições, impondo abalço à natureza, que não dá saltos; é, sim, a regeneração e o levantamento moral dos homens, a fim de que essas mesmas instituições sejam espontaneamente renovadas para o progresso comum.

(...) Dentro, pois, do Brasil, a grande obra de Ismael tem a sua função relevante no organismo social da Pátria do cruzeiro, vivificando a seara da educação espiritual. E não tenhamos dúvida. Superior às funções dos transitórios organismos políticos, é essa obra abençoada, de educação genuinamente cristã, o ascendente da nação do Evangelho e o elemento que preparará o seu povo para os tempos do porvir. (XAVIER, 2019, p. 180-181)

Esse discurso espírita dominante pode ser entendido como estando em conformidade com o processo moderno e liberal de privatização da religião como questão de consciência individual, onde religião e política separam-se como siameses da modernidade (ASAD, 1993; BURITY, 2001; GIUMBELLI, 2002 e NONGBRI, 2013). Se de um lado tal processo faz emergir o Estado laico, por outro lado um de seus efeitos colaterais é o esvaziamento do potencial político do conteúdo ético das religiões. Todavia, como já assinalamos em trabalhos anteriores, tal discurso religioso de negação da política não significa ausência de posicionamento político. Além do fato da impossibilidade da neutralidade política (mesmo o silêncio pode ter profundo impacto político), observamos uma flexibilização da regra do não posicionamento tradicionalmente permissiva quando se trata de posições mais à direita do espectro político (MIGUEL, 2020). Veja-se, por exemplo, as últimas palavras da obra *Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho*:

Nesta época de confusão e amargura, quando, com as mais justas razões, se tem, por toda parte, a triste organização do homem econômico da filosofia marxista, que vem destruir todo o patrimônio de tradições dos que lutaram e sofreram no pretérito da Humanidade, as medidas de repressão e de segurança devem ser tomadas a bem das coletividades e das instituições, a fim de que uma onda inconsciente de destruição e morticínio não elimine o altar de esperanças da pátria. Que o capitalismo, visando à própria tranquilidade coletiva, seja chamado pelas administrações ao debate, a

incentivar com os seus largos recursos a campanha do livro, do saneamento e do trabalho, em favor da concórdia universal. (XAVIER, 2019, p. 185)

E, logo a seguir, sem nenhum embaraço em termos de possível contradição, finaliza:

Todas as fórmulas humanas, dentro das concepções que exprimam, por mais alevantadas que se afigurem, são perecíveis e transitórias. A política sofrerá, no curso dos séculos, as alternativas do direito da força e da força do direito, até que o planeta possa atingir relativa perfeição social, com a cultura generalizada. (...) Só o legítimo ideal cristão, reconhecendo que o reino de Deus ainda não é deste mundo, poderá, com a sua esperança e o seu exemplo, espiritualizar o ser humano, espalhando com os seus labores e sacrifícios as sementes produtivas na construção da sociedade do futuro. (XAVIER, 2019, p. 186)

Importa ainda destacarmos como a obra *Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho* foi importante para dar substância nacional à expectativa profética de realização da providência divina em favor do progresso da humanidade. Para Bernardo Lewgoy, essa obra, com uma cosmologia nacionalista vinculada a uma missão teológica, “serviu para cimentar uma certa visão de espiritismo consoante com a visão de mundo de alguns grupos de elite letrada da sociedade brasileira da época” (LEWGOY, 2000, p. 138). Um ideal modernizante elitista e corporativista atraía determinados grupos profissionais entre as camadas médias urbanas, como médicos, advogados, militares e professores, já que esses se viam como agentes do progresso, tendo em vista a Europa como modelo civilizacional (LEWGOY, 2000, p. 216).

Ainda podemos destacar a importância política da ênfase na guerra como um dos grandes males que demonstrariam a falência moral da humanidade e assim justificariam flagelos de caráter expiatório. A obra *Emmanuel*, de 1938, dedica quatro capítulos à situação política europeia (capítulos 18, 19, 20 e 21), sublinhando a iminente conflagração.

No capítulo 18, “A Europa moderna em face do Evangelho”, Emmanuel sustenta a tese de que a Europa estava condenada a entrar em guerra por falta de uma base espiritual verdadeiramente cristã, capaz de lhe conferir unidade. Dado o desvirtuamento do cristianismo pela Igreja Católica, a própria ciência e o desenvolvimento industrial encetados pelos europeus voltou-se para a destruição dos mais fracos, para a pilhagem e para a guerra (XAVIER, 2018, p. 115-119). Após criticar o fascismo e o bolchevismo e defender o liberalismo e o progresso rumo ao “socialismo cristão do porvir”, Emmanuel conclui:

A civilização em crise, organizada para a guerra e vivendo para a guerra, há de cair inevitavelmente; mas o futuro nascerá dos seus escombros, para viver o novo ciclo da humanidade, sem os extremismos antirracionais, na época gloriosa da justiça econômica.

Não duvidemos, dentro da nossa certeza incontestável. O porvir humano pertence à vitória do Evangelho.” (XAVIER, 2018, p. 136-137)

Esse posicionamento político explícito de Emmanuel pode ser considerado excepcional nos marcos do discurso dominante no *mainstream* espírita. A regra será uma diluição de toda crítica social em termos genéricos, distantes de identificações político-ideológicas precisas.

Quanto às guerras, pode-se dizer que normalmente são associadas com a dimensão profana da vida, de natureza inferior, ligadas à animalidade, e explicadas genericamente seja pela busca de poder, seja pelo confronto entre ideologias extremistas. Por exemplo, assevera o articulista Inaldo Lacerda Lima:

Será suficiente que algum chefe político se deixe, pelo egoísmo, submeter a uma crise de *febre de poder*, e todo o planeta estará com a sua paz ameaçada, porquanto tal chefe político facilmente encontrará os que estão prontos para segui-lo. (Reformador, junho de 1991, p. 28; grifos no original)

Nesse sentido, a guerra pode ser entendida como uma espécie de ápice da lógica da política, arena do conflito e da busca por poder. Essa trama semântica reforça a marginalização da política no universo de ação legítima ao movimento espírita, contribuindo, portanto, para a sustentação do discurso de neutralidade política que aparece sobretudo sob a fórmula da reforma íntima, marcada por uma espécie de individualismo ontológico reducionista e atomista (MIGUEL, 2020 e SIGNATES, 2019).

Imaginários, utopias e profecias

Em 1944 é publicada a obra *Nosso Lar*, que será a grande referência em termos de imaginário espírita para a vida social após a morte. Esse imaginário é importante pois é a partir dele, como forma de idealização da organização social, que se baliza o horizonte de expectativas acerca do mundo de regeneração. Como mostrou Fábio Luiz da Silva, *Nosso Lar* pode ser compreendida como cidade utópica, funcionando exemplarmente em seus três aspectos, como santuário, aldeia e fortaleza. Representando “o ideal do planejamento urbano espiritualizado”, onde “tudo é ordem, previdência, limpeza e sossego”, *Nosso Lar* é a

cidade espiritual – “Jerusalém Celeste” – que deverá ser materializada na Terra (SILVA, 2012, p. 19; LEWGOY, 2000, p. 212). O trabalho e a ordem são extremamente valorizados e, se de um lado não há propriedade capitalista, por outro lado também não há democracia, mas uma espécie de aristocracia intelecto-moral, tal como preconizada por Allan Kardec, organizada burocraticamente, isto é, de modo hierárquico e eficiente. A obra de André Luiz converge, nesse sentido, com valores preponderantes no positivismo, no militarismo e no liberalismo conservador que marcaram os anos da Primeira República, bem como com o nacionalismo corporativista do Estado Novo varguista.

Já nos anos da contracultura e da espiritualidade *New Age*, ganhou força entre os espíritas tendências orientalistas e esotéricas, já desenvolvidas décadas antes por Edgard Armond, à frente da FEESP (ARRIBAS, 2014, p. 187). A partir da década de 1950, com a publicação das obras atribuídas ao espírito Ramatis, sob a psicografia de Hercílio Maes, circularam largamente profecias acerca do apocalipse, que viria com a verticalização do planeta Terra provocada pela aproximação de um outro planeta, o que produziria grandes catástrofes até o ano de 1999, com terremotos, maremotos, inundações, furacões, hecatombes, guerras e epidemias que “libertariam da matéria” dois terços da humanidade. A partir daí, o terceiro milênio inauguraria a Nova Era (MAES, 1983). Inicialmente, as obras de Ramatis não foram claramente rechaçadas pelo movimento espírita federado, mesmo Emmanuel manifestou-se de modo cauteloso, sem confirmar ou infirmar tais profecias (LEWGOY, 2000, p. 139-140). Outros importantes nomes do espiritismo brasileiro, porém, opuseram-se frontalmente às obras de Ramatis, como José Herculano Pires, jornalista e filósofo crítico de tendências “místicas”. Com o tempo, as próprias instituições federadas passaram a interditar, com mais ou menos rigor, as ideias proféticas e esotéricas de Ramatis.

Um ponto que merece futura investigação é o impacto político exercido sobre o espiritismo a partir da religiosidade de tipo Nova Era. Questões como a relação entre individualismo, psicologização e a religiosidade de autoajuda, mas também a possível flexibilização ou contestação aberta dos códigos morais hegemônicos com o movimento de contracultura podem ser compreendidos numa perspectiva política, portando uma forte crítica ao utilitarismo, por exemplo. Pode-se pensar numa pressão advinda de novas demandas próprias a certos setores da classe média, conforme discute D’Andrea:

(...) segmentos elitizados e ascensionais da classe média, os que mais agudamente sofrem e promovem processos reflexivistas, renovaders (sic) e cosmopolistas, implicando destradicionalização e psicologização crescentes. A questão é identificar como estes segmentos sociais irão

vivenciar o transcendente, e, especificamente, como se relacionam com as bases kardecistas.

(...) O crucial, portanto, repousa na incapacidade do Kardecismo em preencher demandas existenciais e concretas destes segmentos emergentes de classe média sofisticada. (...) As pressões reflexivistas e as necessidades expressivistas de indivíduos de classe média alta se chocam com o excessivo tradicionalismo e intelectualismo dogmáticos das instituições kardecistas oficiais (que, entretanto, podem vir a representar um individualismo tradicional, refratário às possibilidades desindividualizantes da reflexividade radical). (D'ANDREA, 2000, p. 69-70)

Se expectativas milenaristas se apresentam nos anos 1960 e 1970, por outro lado a agitação político-social entra em ponto de ebulição em torno de 1968, no mundo e no Brasil. A expressão espírita mais contundente desse clima foi o Movimento Universitário Espírita (MUE) surgido no Estado de São Paulo. Resumidamente:

O MUE foi obra de um grupo de jovens universitários espíritas que, a exemplo da teologia da libertação (...), beberam do humanismo cristão e do humanismo marxista, bem como da tradição socialista espírita, apoiando-se em Herculano Pires e Humberto Mariotti, em Emmanuel Mounier e Eric Fromm.

Estes jovens, por meio de sua principal publicação, *A Fagulha*, e de sua atuação, sobretudo no movimento espírita juvenil, insistiram na necessidade de que o movimento espírita de um lado resgatasse o aspecto científico e filosófico da doutrina espírita e, de outro, respondesse politicamente aos problemas sociais contemporâneos, colocando o espiritismo em diálogo crítico com as ciências e as correntes do pensamento que tivessem algo a dizer a respeito, como o marxismo. (MIGUEL, 2020, p. 98)

Aqui, podemos destacar a dimensão profética do marxismo, fundada no horizonte aberto de uma “utopia concreta”, como quis Ernst Bloch. O fato de que o MUE clamava por uma virada politizadora no movimento espírita, que respondesse às “questões sociais” do seu tempo, como o imperialismo, o capitalismo e a ditadura, não significa que as expectativas de um mundo futuro “regenerado” tenham saído de cena. Para o MUE, a obra *O reino*, de Herculano Pires, publicada originalmente em 1946, apontava na direção da construção desse mundo futuro pela ação político-religiosa radicalizada, isto é, com a ambição de uma

renovação moral, econômica e social capaz de realizar na Terra “o reino de Deus” do qual falara Jesus. As possíveis convergências entre cristianismo, marxismo e espiritismo em torno de um projeto de transformação social revelam potencialidades políticas contrapostas à aparente predominância do efeito conservador observado no profetismo espírita.

Em clima de fim do mundo

A partir dos anos 2000 expectativas proféticas retornaram com força. Passado o temor do “Bug do Milênio”, viera a suposta profecia maia do fim do mundo em 2012. No meio espírita, Geraldo Lemos, empresário e orador espírita, em entrevista à Marlene Nobre, no jornal *Folha Espírita* de maio de 2011, revela que Chico Xavier, em 1986, o teria confiado a seguinte profecia: quando da chegada do homem à lua os dirigentes celestiais do sistema solar reuniram-se e, preocupados com o avanço militar nuclear terrestre, solicitaram ao instituto universal da Justiça Divina que fosse cobrado da humanidade os milênios de débitos contraídos. Jesus, governador da Terra, advogando em causa dos terráqueos teria intercedido para que tivéssemos uma última chance, de onde se acordou um prazo, uma data limite de 50 anos com o seguinte condicionante – que não iniciássemos uma terceira guerra mundial. Passado o ano de 2019, portanto, a humanidade teria vencido tal prova. Em 2014, foi realizado o documentário *Data Limite*, que divulgou amplamente tal profecia.

Haroldo Dutra Dias, por sua vez, na obra *Despertar: nossos desafios na transição planetária*, no último capítulo, intitulado “Trabalhadores da última hora”, calcula o ano em que se inicia e se conclui a transição planetária para o mundo de regeneração. Utilizando referências bíblicas de contagem do tempo e profecias neotestamentárias de um lado, associadas à narrativa de *A caminho da Luz* e palavras de Chico Xavier, Haroldo Dutra chega à conclusão de que a data limite para a conclusão da transição é 2057 (DIAS, 2020, p. 309-315). Tais profecias com especificações de datas têm gerado polêmicas entre os espíritas, com toda a sorte de posições, desde recomendações de prudência e críticas firmes até silêncios reticentes e entusiasmados apoios.

Divaldo Franco e a transição planetária

Manoel Philomeno de Miranda é o autor espiritual de duas obras recentes do médium e orador Divaldo Franco que trazem, com centralidade, o tema em tela: *Transição Planetária*, de 2010, e *No rumo do mundo de regeneração*, de 2021. A primeira trata da assistência espiritual no contexto do tsunami de 26 de dezembro de 2004 que matou 230 mil pessoas em 14 países no Oceano Índico, a maioria na Indonésia. Nessa obra são fartos os relatos do

sofrimento provocado pela tragédia, tanto entre os sobreviventes quanto entre os recém desencarnados. Nesses relatos, destaca-se a vinculação a problemas como a corrupção (o desvio de recursos arrecadados em solidariedade às vítimas) e a exploração do turismo sexual:

Ainda o pranto das vítimas não secara nos olhos e os efeitos trágicos dos acontecimentos nem sequer diminuíram, e as contribuições da solidariedade eram desviadas para fins ignóbeis, enquanto os sofredores observavam a indiferença com que eram tratados, relegados à própria sorte, após a tragédia que sofreram.

As praias de diversos países do Oceano Índico estavam juncadas de cadáveres, dezenas de milhares jaziam sob os escombros das frágeis construções destruídas e a insensatez turística já planejava novos pacotes para outros paraísos e lugares de lazer e perversão que não foram danificados.

(...)

O banditismo aproveitava-se da situação deplorável para estrangular as suas vítimas, exploradores hábeis negociavam sobre os despojos dos perdidos e alienados, conspirações hediondas forjavam hábeis manobras para a usurpação do máximo daqueles que nada quase possuíam.

Era esse, de alguma forma, o espetáculo horrendo pós-tragédia do tsunami. (FRANCO, 2010, p. 29)

Por meio de personagens do mundo espiritual, é endossada a tradição profética: profetas bíblicos, o calendário maia, Nostradamus, Edgar Cayce e espíritos da “codificação espírita” são citados com aprovação, por anunciarem grandes transformações de cunho físico e moral no planeta Terra, preparando-a para um futuro ditoso, paradisíaco (FRANCO, 2010, p. 86-87). Para além da exortação à transformação moral dos indivíduos, necessária para evitar o exílio planetário no transcurso da transição anunciada, é destaca a consoladora “notícia espiritual” de que está programada uma preparação física do orbe e uma “imigração” de espíritos mais evoluídos para garantir o futuro mundo de regeneração:

Ocorrerão essas bênçãos, porque Espíritos não comprometidos com o mal estarão no planeta construindo o reino dos céus nos corações e trabalhando eficazmente em favor da solidariedade atendida pelo amor.

Virão apressar o progresso moral, utilizando-se do intelectual e tecnológico para promover a fraternidade entre os povos, a fim de que os

mais poderosos ajudem no desenvolvimento dos menos aquinhoados, substituindo a guerra pela solidariedade, a escravidão decorrente do comércio perverso pela liberdade de escolha e de trocas, combatendo as doenças pandêmicas e endêmicas, as degenerativas, que já não se justificarão, porque os membros da formosa família não estarão assinalados pelos débitos de grande porte...

O planeta renovado na sua constituição física, harmonizadas as placas tectônicas, diminuída a alta temperatura do magma vulcânico, muitos cataclismos que o assolavam e destruíam, desaparecerão, a pouco e pouco, apresentando-se com equilíbrio de temperatura, sem os calores calcinantes, nem os frios enregelantes, e com paisagens edênicas...

Adaptando-se às novas condições climáticas, o organismo físico experimentará modificações especiais, em razão também dos seres que o habitarão, imprimindo nele outros valores fisiopsicológicos, que irão contribuir para a sua evolução espiritual.

Será nesses corpos que estarão reencarnadas multidões de visitantes benéficos, contribuindo para o progresso da humanidade.

Concomitantemente, aqueles que puderem fruir desse momento, após a grande transição, graças ao pensamento e à iluminação interior, libertar-se-ão de órgãos desnecessários, mantendo formas gráceis e leves, compatíveis com a futura atmosfera física e moral da Terra feliz. (FRANCO, 2010, p. 88-89)

Vale refletirmos sobre alguns dos possíveis sentidos políticos dessa promessa espiritual, bastante corrente no imaginário espírita². A valorização de transformações físicas geológicas e climáticas como preparatórias de um mundo futuro melhor sinaliza para uma expectativa positiva acerca de grandes fenômenos físicos, potencialmente induzindo a uma neutralização de preocupações ante às atuais mudanças climáticas em curso. Em tempos de crescente mobilização política em favor de ações que impeçam a escalada do aquecimento global e revertam a crise da biodiversidade, podemos considerar um alienante “anestésico” a reconfortante projeção de um horizonte de expectativa otimista baseado na ideia de que

² Em *Amanhecer de uma nova era*, outra obra assinada espiritualmente por Manoel Philomeno de Miranda sob a autoridade mediúnica de Divaldo Franco, afirma-se que: “As mais vigorosas convulsões planetárias tornam-se necessárias para que haja alteração para melhor no clima, na estabilidade relativa das grandes placas tectônicas, nas organizações sociais e comunitárias, com os recursos agrários e alimentícios naturais para manter no futuro as populações não mais esfaimadas nem miseráveis, como ocorre na atualidade (FRANCO, 2016, p. 202).

há uma programação espiritual para mudanças geofísicas que melhorarão a habitabilidade do planeta.

Outro elemento da profecia da transição planetária que pode assumir o caráter de “ópio do povo” é a importância conferida ao poder transformador de uma “plêiade de espíritos mais evoluídos” que encarnariam massivamente no planeta Terra. Essa profecia funciona, aproximadamente, como a promessa de uma segunda vinda do Cristo, com capacidade de alcançar os resultados que os seus seguidores não conseguiram obter:

É natural que o Senhor Jesus haja providenciado o retorno dos Seus mensageiros que assinalaram suas épocas com as características de amor e sabedoria, de modo que impulsionaram o progresso da Humanidade até este momento culminante, agora necessários para o grande enfrentamento com as heranças enfermizas que permanecem na psicosfera do Planeta, em razão da condição primária de alguns dos seus habitantes.

Concomitantemente, torna-se indispensável a presença de missionários de outra dimensão que, ao lado desses, conseguirão vencer as urdidias e programações dos desastres morais, modificando a estrutura moral do globo, que irá ascendendo a situação mais própria à mundo de regeneração. (FRANCO, 2016, p. 209)

O corolário da lógica de desengajamento político no contexto da profecia da transição planetária é a exortação, constantemente reafirmada, à reforma íntima, reduzida, em regra, a expressões genéricas, metafóricas e subjetivistas que remetem à prece, à vigilância do pensamento e às vibrações positivas:

Todos nos encontramos, desencarnados e encarnados, comprometidos com o programa de transição planetária para melhor. Por essa razão, todos devemos empenhar-nos no trabalho de transformação moral interior, envolvendo-nos em luz, de modo que nenhuma treva possa causar-nos transtorno ou levar-nos a dificultar a marcha da evolução. (FRANCO, 2016, p. 203)

Em suma, a transição planetária é apresentada frequentemente como um inevitável cataclisma físico acompanhado de um cataclisma “moral”, esse sim verdadeiramente ameaçador, contra o qual o espírita vigilante deveria se resguardar, resistindo ao arrastamento do mal.

Um marco recente importante para compreendermos os possíveis sentidos políticos da narrativa da transição planetária é o agudo tensionamento político-social brasileiro deflagrado no curso dos anos 2015 e 2016, e aprofundado até a atualidade, com o fenômeno

do bolsonarismo (BOITO Jr., 2020). A ascensão de um movimento social de caráter neofascista traz questões importantes para se pensar em versões reacionárias da expectativa apocalíptica.

Aqui, limitamo-nos apenas a especular entre possíveis relações entre o desejo de destruição “de tudo que está aí”, próprio do fascismo, e a categoria de ressentimento como afeto político, que pode contribuir para explicar o reacionarismo exacerbado entre amplos setores da classe média (mas também de setores populares e periféricos) incomodados com o avanço do feminismo, do movimento LGBTQI+, do movimento negro e com a redução de poder relativo (em termos econômicos e de status sociocultural) junto àqueles que se localizavam abaixo na hierarquia de classes (CAVALCANTE, 2020; MACHADO e SCALCO, 2018). O irracionalismo é outro elemento típico do fascismo, o que ajudaria na compreensão do atual fenômeno de amplo sucesso comunicativo da mentira como método sistemático de política reacionária, incluindo as mais absurdas teorias conspiratórias, com um forte vetor de anticiência (TORRE, 2020). Esses elementos, parece-nos, devem ser examinados com atenção no âmbito da análise do atual movimento espírita brasileiro.

Para citarmos um exemplo dessa problemática, pensemos no pronunciamento de Divaldo Franco, por ocasião de um evento espírita realizado em fevereiro de 2018, contra o que ele considera marxismo e a suposta “ideologia de gênero”. Como já o dissemos em estudo anterior:

Divaldo ataca a chamada “ideologia de gênero” como criação de Marx (atribuindo a ele a intenção de “escravizar um povo moralmente”, associando marxismo com corrupção e denunciando a “ideologia de gênero” como um plano para fazer as crianças crescerem sem qualquer princípio moral), vincula sua “implantação” no Brasil aos governos dos últimos dez anos (portanto, aos governos petistas) e elogia o juiz Sérgio Moro como “venerando”, referindo-se a ele como o presidente da “república de Curitiba”. (MIGUEL, 2020, p. 101)

A partir daí, como bem analisaram Luiz Signates, João Damásio, Célia Arribas e Marcelo Camurça, desenvolveu-se uma reação progressista de espíritas incomodados com o conservadorismo dominante no movimento espírita brasileiro (SIGNATES, 2019; ARRIBAS, 2020; DAMÁSIO, 2020; CAMURÇA, 2021 e SIGNATES e DAMÁSIO, 2021). É nesse contexto de crescente tensão política no campo do espiritismo brasileiro que devemos situar nossa análise a seguir.

A obra *No Rumo do Mundo de Regeneração*, também do médium Divaldo Franco, assinada pelo espírito Manoel Philomeno de Miranda, foi publicada no dia 31 de dezembro de 2020, apresentando uma narrativa acerca dos “bastidores espirituais” em operação no contexto atual da pandemia da Covid-19. Tais bastidores funcionam como ilustração da grande e decisiva batalha que estaria em curso para preparar o mundo para seu novo estágio evolutivo. Essa batalha explica-se pela exacerbação de problemas de natureza moral, compreendidos como espirituais:

“Doutrinas estapafúrdias gozam de cidadania, e os valores que engrandecem o ser, contribuindo para o equilíbrio psicofísico dos indivíduos, são substituídos por fantasias absurdas e gozos extravagantes.

Felizmente a Doutrina de Jesus, submetida ao cinismo cultural e comportamental, sobrevive com a sua chama do amor e do perdão, da solidariedade do bem, sustentando os milhões de vidas que se lhe vinculam e trabalham pela ordem e pelo dever da solidariedade.

Esses dias alucinados passam, porque fazem parte de um período de seleção de ideias e existências, que retornam à Terra portando conflitos inomináveis e a dor trabalha-os, edificando resultados formosos.”

(FRANCO, 2021, p. 11-12)

A crise moral é entendida como desregramento, como excesso e, portanto, o bem significa ordem, restrição, controle. Drogas e vícios degradantes, leniência com a libertinagem em nome do respeito às minorias, a instituição da família combatida e Jesus escarnecido compõem um rol de subversões do ideal moral de purificação do espírito ante o mundo da matéria potencialmente corruptor.

A drogadição vinha, há décadas, consumindo a juventude, e vícios degradantes dominavam a sociedade que combatia a família, a educação, a saúde e os meios de dignificação humana. O bafio pestilento exteriorizado pelo materialismo dominador das massas zombava de Deus, na condição de mito superado, e a figura de Jesus e Sua Doutrina, como as personagens dos Seus dias, que O acompanhavam, sendo objeto de escárnio e desdém...

(FRANCO, 2021, p. 19)

Essa narrativa, centrada no delineamento de uma grande crise espiritual, envolvendo degradação moral e intelectual, foca em questões de comportamento sexual como um dos

principais problemas do sensualismo e do materialismo, cujo ateísmo seria uma de suas expressões intelectuais³.

Em nome da arte e da cultura, vivia-se a bacanal em toda parte com anuência das autoridades ou por elas estimulada, e graves transtornos de conduta formavam uma sociedade desarrazoada e venal.

Os valores éticos, a princípio, surdamente, depois vulgarizando através dos veículos de comunicação tradicional e virtual, eram anulados como castradores da liberdade, e a necessidade de igualdade com as minorias de todos os aspectos favorecia a libertinagem desmedida. Pessoas cultas e aparentemente sensatas de repente sentiam necessidade de quebrar os limites, a que denominavam como tabus, e desnudavam-se em nome da nova ordem, animalizando mais o ser humano e humanizando os animais.

Disparates de toda espécie tornavam-se motivos de brigas intermináveis e qualquer postura de equilíbrio era vista como remanescente da chamada decadência do comportamento ultramontano. (FRANCO, 2021, p. 19-20)

A batalha em curso, então, é compreendida como oposição entre as forças da espiritualização e as forças do materialismo/sensualismo. Trata-se de uma concepção de evolução que associa animalidade e matéria de um lado e, de outro, por oposição, angelitude e espírito. O par balizador sagrado/profano é plenamente operatório.

É importante sublinharmos como a referida narrativa pode ser lida, ainda que não diretamente, como evocando ou sinalizando para vários elementos presentes em polêmicas atuais produzidas a partir da crescente vocalização de setores conservadores em termos

³ O tema da degradação ou decadência fez parte dos prognósticos de futuro que se contrapunham às expectativas otimistas de tipo iluminista. Frequentemente, tratava-se de reações românticas de viés reacionário à marcha das grandes transformações em curso desde o século XVIII, penetrando, por vezes, na crítica socialista. Veja-se, por exemplo, a obra profética *Histoire de quatre ans, 1997-2001*, do historiador francês Daniel Halévy, publicada em 1903. Halévy, nessa obra, expressa um socialismo elitista carregado de pessimismo, deixando entrever certos elementos de sua futura deriva à extrema direita. Na síntese de Georges Minois, do que seriam os “males da nossa sociedade atual” adivinhados por Halévy: “A utilização do tempo livre tornou-se a mais urgente das questões sociais’. Num mundo dominado pela busca do lucro, pela permissividade geral resultante de uma democracia demagógica, acabaram sendo toleradas certas práticas, em nome da liberdade individual, que corroem o tecido social e preparam sua decomposição total: as populações, reduzidas à ociosidade, perderam todo o estímulo, todo o vigor, toda a noção de valor, e abandonaram-se a divertimentos passivos, drogas, erotismo, homossexualidade, práticas que são consideradas ‘normais’. Os organismos, corrompidos e enfraquecidos por uma vida doentia, são vítimas de uma nova epidemia, que a medicina não consegue controlar. Apenas grupos que souberam manter a disciplina, a energia, o vigor moral e a salubridade, escaparam da podridão generalizada e poderão ser agentes de regeneração. ‘As espécies desaparecem quando suprimem os perigos que as mantinham alertas (...), os europeus morrem em pleno triunfo’” (MINOIS, 2016). Então, é interessante notarmos como a ideia de progresso assumida pelo espiritismo pode coabitar com a ideia de decadência. De um ponto de vista moralmente conservador, à direita, o progresso moral parece implicar em maior rigidez e homogeneização do comportamento sexual.

culturais e políticos. É o caso do suposto escárnio à figura de Jesus no episódio do desfile carnavalesco da escola de samba Gaviões da Fiel em fevereiro de 2019 no qual encenou-se uma batalha na qual Jesus teria sido vencido por Satanás. Ou ainda o protesto da modelo transexual Viviany Belebony por ocasião da Parada do Orgulho LGBT de 2015, em São Paulo, quando ela encenou sua própria crucificação representada como Jesus.

A política entra em cena pelo signo da corrupção e a intelectualidade figura de modo muito próximo às imagens difamatórias presentes no discurso da direita associada ao governo Bolsonaro, como os sucessivos ataques verbais às universidades públicas por parte do ex-ministro da educação Abraham Weintraub.

Os jogos políticos atingiam as mais chocantes aberrações de furtos e roubos, predominando o cinismo de criaturas declaradas sem honra em face dos crimes cometidos e divulgados.

As universidades negavam a finalidade para a qual foram edificadas pelas civilizações transatas, dominadas pelos revolucionários perversos que os políticos insanos colocavam para desviarem a juventude, seduzindo com programas ateus e depravados, em que os instintos primitivos eram exaltados até a consumpção das energias devoradas pelos interesses de corruptos e de corruptores. (FRANCO, 2021, p. 20)

Fica clara a identificação de políticos insanos corruptos/corruptores com revolucionários (leia-se, “esquerdistas”) “perversos” que atuariam em favor do ateísmo que, por sua vez, é associado à depravação moral. Logo adiante, encontra-se uma possível alusão crítica à “polarização” política: “Perde-se muito tempo com dialética vazia e combates antifraternos, separando as pessoas do mesmo clã por ideologias políticas e criminosas, enquanto os males surgem inesperadamente” (FRANCO, 2021, p. 21).

Fazendo eco a teorias da conspiração propagadas no vasto fluxo de *fake news* a respeito do coronavírus, sugere-se que esse possa ter sido produzido em laboratório:

Desde há alguns meses, os benfeitores da Humanidade deram-se conta da guerra terrível com o estranho vírus, que parecia haver sido trabalhado em laboratório, utilizando-se da cepa comum da influenza, e se deveria prolongar, maléfico, na Terra, por mais de dois anos, superando o da gripe espanhola. (FRANCO, 2021, p. 43)

Mais à frente, retoma-se o assunto:

Num dos momentos em que nos encontrávamos juntos comentando exatamente esse tópico, nosso Eudalbo, que permanecia

estudioso dos vírus no além da vida terrena, explicou-nos a gravidade que paira sobre a Humanidade, considerando alguns países que se têm dedicado a criar vírus perigosos ante a possibilidade de uma guerra biológica, utilizando-se dos *estoques* armazenados de muitos deles, que são mais poderosos do que quaisquer outros instrumentos de destruição convencional ou nuclear. (FRANCO, 2021, p. 303)

Em outra passagem, em possível alusão velada à China, especifica-se o qualificativo do ateísmo para os países que estariam manipulando determinados vírus para fazer guerra biológica:

Países tecnologicamente bem equipados e moralmente perdidos no ateísmo e nas suas farnazes correntes de poder, apaixonados pela transitoriedade do seu tempo, encontraram na microbiologia vírus destrutivos para uma futura guerra biológica, quando os seus argumentos de força e de compressão falharem, poderiam trabalhar cepas de influenza e outras doenças, criando, na atualidade, o terrível assassino que ora os vence também... (FRANCO, 2021, p. 97)

O anticomunismo, como vimos já explicitado por Divaldo Franco recentemente, se faz presente em menção direta, com a esdrúxula imputação ao comunismo da “tese” de facilitar a diminuição de habitantes do planeta negando-se assistência médica às pessoas idosas (FRANCO, 2021, p. 113).

Em algumas passagens, alude-se à eficácia da “medicação muito discutida quanto aos seus efeitos, mais por questões políticas infelizes do que constatadas cientificamente”, além de tecer-se pesadas críticas aos laboratórios de pesquisa e de produção de vacinas:

Agora, sob a ação da Covid-19, pôde detê-lo em razão de haver sido atendida aos primeiros sintomas, logrando a felicidade de ter recebido a medicação muito discutida quanto aos seus efeitos, mais por questões políticas infelizes do que constatadas cientificamente.

Muitas vidas seriam salvas da pandemia se os interesses de muitos indivíduos, desde os laboratórios de pesquisas científicas até as receitas médicas, não sofressem o abuso dos jogos demoníacos das paixões servis.

Esta é uma batalha oculta de efeitos danosos para a sociedade, inclusive pelo desinteresse pelas vidas serem salvas ou não, em razão do dinheiro fácil, dos lucros exorbitantes e criminosos.

A pandemia da Covid-19, no Brasil e em muitos outros países, tem sido vítima da obstinada campanha da exploração das massas e até mesmo

de alguns ditos benfeitores que são proprietários dos laboratórios de pesquisa e produção de vacinas e de medicamentos curativos.

Nesse sentido, o ser humano, com as suas nobres exceções, é vítima desditosa do poder a que aspiram e no qual estertoram e desencarnam, vitimados por essa fatalidade para a qual não há exceção. (FRANCO, 2021, p. 148)

A impressão passada ao leitor é a de que a medicação em questão é a cloroquina e que a oposição ao seu uso como tratamento em quadro de Covid-19 seria motivada por interesse financeiro. Ou seja, a narrativa acaba por fazer coro ao discurso de Bolsonaro e de parte da categoria médica que se alinhou à defesa da cloroquina como medicamento eficaz no tratamento da Covid-19.

Finalmente, a despeito da sugestão de uma possível fabricação criminoso do coronavírus, a tese central do livro parece ser que a pandemia cumpre a função de contribuir para a preparação para o mundo de regeneração. Trata-se, por um lado, de impor, pelo sofrimento, a humildade em falta num mundo degradado moralmente e, por outro, de oportunizar a expiação em massa por meio de um “programa seletivo” baseado em “sintonia vibratória” com a virose:

À semelhança de vezes anteriores, em que as pandemias ameaçaram a existência humana e desapareceram após cumprirem o seu objetivo, a atual é portadora de um programa seletivo de Espíritos para preparar o advento dos Novos Tempos.

Certamente serão afetados milhares de seres que se encontram na pauta vibratória da virose, mas estarão resgatando outros graves comportamentos, a fim de se ajustarem à ordem que será vigente no planeta, logo mais, quando tudo se acalmar e a Lei de Progresso funcionar com mais rigor.

Todo aquele que se encontre na faixa imunológica favorável à contaminação, em decorrência da conduta moral que se tem permitido, experimentará o cutelo da desencarnação, preparando-se para acompanhar o progresso do planeta, logo se recupere dos desaires e se encontre em condições de crescer no rumo da sabedoria.

Com o enorme êxodo de benfeitores da Humanidade interplanetária, que auxiliarão os candidatos à imarcescível luz da redenção, a renovação espiritual tomará conta de todos os quadrantes, qual primavera risonha abençoando escombros e arrancando deles flores e cor, beleza e harmonia para a paisagem festiva.

O Mestre reunirá os Seus discípulos e os iluminará ainda mais, a fim de que toda sombra que permaneça seja diluída pelas claridades incomparáveis do bem e da união das almas no grande banquete da paz.

Enquanto isso não ocorre, as mãos do sofrimento asfixiarão muitas existências, que despertarão nos estertores da agonia para as futuras experiências de fraternidade num imenso cantochão de humildade e afeto à vida em todas as suas manifestações.” (FRANCO, 2021, p. 98)

A pandemia seria um dos instrumentos da grande “faxina espiritual” necessária à purificação moral dos habitantes do planeta Terra, além de outras “convulsões físicas do planeta” que haverão de se processar: “A *limpeza* espiritual, portanto, está sendo feita, já desde há algum tempo, agora no seu apogeu, sob o amparo da pandemia e de outras convulsões físicas do planeta em ordenamento das suas camadas e equilíbrio do seu eixo...” (FRANCO, 2021, p. 163; grifo no original). É interessante notarmos essa convergência entre a instauração da ordem e do equilíbrio num sentido ao mesmo tempo físico e moral.

Destacamos ainda o reforço à sacralização da identidade nacional construída para o movimento espírita brasileiro desde *Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho*. São várias as personalidades do espiritismo brasileiro que se fazem presentes ao longo de *No rumo do mundo de regeneração*, como Bezerra de Menezes, Eurípedes Barsanulfo e Francisco Spinelli. No capítulo 14, “Planejamentos e visita superior”, discorre-se acerca de uma comunidade espiritual situada na Amazônia, envolvendo o Brasil e países fronteiriços da América do Sul, com a presença de espíritos associados às florestas e aos quilombos.

Numa reunião solene, incluindo a presença de vários vultos da história brasileira, como Marechal Rondon, José de Anchieta e Manoel da Nóbrega, além das personalidades espíritas, discursa o anjo Ismael acerca da transição planetária. Destaca-se o sentido providencial de mudanças físicas no planeta que acompanhariam o progresso moral da humanidade e caracteriza-se essa transição pelo sofrimento purificador. A guerra teria sido evitada por misericordiosa intervenção de Jesus⁴, mas, mesmo assim, foi preciso alguma forma de processo de expiação massiva, deixando subentendido o caráter providencial da pandemia ante a “injustiça, a promiscuidade e a vileza moral da maioria dos humanos terrestres”:

⁴ “No século passado, momento houve em que o próprio Jesus visitou novamente a Terra, a fim de evitar a guerra que estava por explodir, na volúpia de algumas nações soberbas e materialistas, que ainda se encontram aguardando momento de supremacia sobre as demais. O Seu incomparável Amor venceu as ambições arbitrarias dos seus líderes alucinados, por isso que agora o método de depuração da Humanidade é mais difícil de superado, porque as armas tremendas armazenadas não conseguem destruí-lo”. (FRANCO, 2021, p. 218)

Estes, portanto, são dias de purificação interior, e, em consequência, a injustiça, a promiscuidade e a vileza moral da maioria dos humanos terrestres atraíram os tormentos que ora afligem e atemorizam as multidões desassisadas.

Incontáveis, no entanto, na sua suprema ignorância, sedentos dos prazeres ultrajantes, não se dão conta da terrível dizimação.

Estavam previstos horrores e alucinações devastadores, em guerras impiedosas, a começar pelos lares em desalinho, comunidades e países que seriam aniquilados... quando tudo mudou... (FRANCO, 2021, p. 215-216)

A crítica moral à promiscuidade, aos “prazeres ultrajantes” é central na narrativa: se a evolução visa a aproximação à angelitude, ao “espiritual”, tudo aquilo que é identificado à animalidade, ao “material”, deve ser superado, “custe o que custar”. O excesso de prazer do corpo é tão ignominioso que exige expiação reparadora por meio de grandes tormentos, como as guerras e as pandemias.

Então, como já apontamos, nesse contexto da transição planetária, importa sobretudo resistir ao mal. E é nesse sentido que cumpre um importante papel político uma espécie de “terror moral” produzido pela minuciosa apresentação de legiões de espíritos obsessores que procuram boicotar aqueles encarnados que estão procurando se manter na trilha cristã. Na narrativa da luta do bem contra o mal, insiste-se, em tom ameaçador, na necessidade de vigilância num momento decisivo de seleção na transição planetária para a regeneração.

Veja-se, por exemplo, o discurso atribuído ao espírito de Francisco Spinelli, em que esse aponta para a necessidade de rigor moral entre os próprios espíritas, condenando o equívoco daqueles que negam a autenticidade das mensagens que descrevem legiões de obsessores capazes de invadir e perturbar gravemente organizações humanas, preferindo “adotar as ‘modas’, as ‘novidades de comportamento’, denominando os fiéis como ortodoxos e a eles mesmos como evoluídos...” (FRANCO, 2021, p. 247). O discurso em favor do rigor moral é reforçado por contraste à suposta leniência com a “nova ordem de devassidão em nome da igualdade”:

É inegável o desenvolvimento intelectual, industrial da civilização, nada obstante se chafurda no crime e no desdém às questões ético-morais, considerando-as ultrapassadas e indignas por não se ajustarem à nova ordem de devassidão em nome da igualdade, da aceitação de tudo, para não passar como perturbador da ordem e fanático... (FRANCO, 2021, p. 248)

Em suma, o tema da transição planetária acaba por assumir um tom político fortemente conservador em termos de moral sexual, fazendo apelo ao rigor, à ordem e à disciplina, ecoando assim o repertório narrativo atualmente mobilizado pelo bolsonarismo. A mobilização do medo associado ao assédio de obsessores é potencializada com a iminência de um grande degrado espiritual que acompanha o imaginário apocalíptico espírita.

Conclusões

Vimos que as expectativas acerca do futuro constituem um elemento central no espiritismo, doutrina religiosa marcada pela ideia de progresso, de evolução espiritual e material. Tais expectativas são recorrentemente animadas por discursos proféticos, assumindo determinados significados políticos de acordo com as distintas configurações históricas que marcaram o espiritismo. Em nossa pesquisa destacamos alguns desses significados no contexto brasileiro, como o republicanismo e o positivismo animados pela confiança no progresso civilizacional, ou ainda o elitismo, o corporativismo e o nacionalismo capazes de engajar setores da classe média brasileira no projeto espírita para a “pátria do Evangelho”.

Analisamos como as expectativas proféticas podem contribuir para engajamentos e desengajamentos políticos, assumindo normalmente um viés conservador no caso do espiritismo brasileiro, assentado no discurso de neutralidade política. E, por fim, destacamos o contexto recente das narrativas da transição planetária entre os espíritas, com destaque para a presença de elementos da onda conservadora e, mesmo, neofascista que ora vicejam no Brasil. Como moral, em tempos de onda neofascista, tende a ser lida em termos bastante conservadores, a “transição planetária”, aos olhos de muitos, aparece como “faxina moral” contra todos os supostos inimigos do “cristianismo redivivo”, como países ateus e comunistas, intelectuais depravados e massas promíscuas.

Bibliografia:

- ARRIBAS, Célia. **Afinal, espiritismo é religião?** São Paulo: Alameda; Fapesp, 2010.
- _____. **No princípio era o verbo: espíritas e espiritismos na modernidade religiosa brasileira.** 2014. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- _____. Política, gênero e sexualidade: controvérsias espíritas entre progressistas e conservadores. **Contemporânea**, v. 10, n. 2, Maio-Ago. 2020.

ASAD, Talal. **Genealogies of Religion: Disciplines and Reasons of Power in Christianity and Islam**. Baltimore, Md.: Johns Hopkins University, 1993.

AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. **La table, le livre et les esprits: naissance, évolution et actualité du mouvement social spirite entre France et Brésil**. Paris: Jean Claude Lattes, 1990.

BOITO Jr., Armando. Por que caracterizar o bolsonarismo como neofascismo. **Revista Crítica Marxista**, nº 50, 2020.

CAMURÇA, Marcelo. Conservadores x progressistas no espiritismo brasileiro: tentativa de interpretação histórico-hermenêutica. **PLURAL**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v. 28.

CAVALCANTE, Sávio. Classe média e ameaça neofascista no Brasil de Bolsonaro. **Revista Crítica Marxista**, nº 50, 2020.

COHN, Norman. **Cosmos, caos e o mundo que virá: as origens das crenças no Apocalipse**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DAMAZIO, Sylvia F. **Da elite ao povo: advento e expansão do espiritismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

DAMASIO, João. Da caridade à cidadania em fluxos: posicionamentos espíritas nas eleições de 2018. **ComPolítica**, v. 10, n. 2, p. 135-166, 2020.

D'ANDREA, Anthony Albert Fischer. **O self perfeito e a nova era: individualismo e reflexividade em religiosidades pós-tradicionais**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

DIAS, Haroldo Dutra. **Despertar: nossos desafios na transição planetária**. São Paulo: Intelítera Editora, 2020.

FRANCO, Divaldo Pereira. **Transição planetária**. Salvador: Livraria Espírita Alvorada Editora, 2010.

_____. **Amanhecer de uma nova era**. Salvador: LEAL, 2016.

_____. **No rumo do mundo de regeneração**. Salvador: LEAL, 2021.

GIUMBELLI, Emerson. **O fim da religião: dilemas da liberdade religiosa no Brasil e na França**. São Paulo: Attar Editorial, 2002.

ISAIA, Artur Cesar. Espiritismo, conservadorismo e utopia. In: PINTO, Elisabete A; ALMEIDA, Ivan A. de (orgs.). **Religiões: tolerância e igualdade no espaço da diversidade**. São Paulo: Fala Preta, 2004. p. 101-116.

_____. Espiritismo, república e progresso no Brasil. In: HOMEM, A. C; SILVA, A. M e ISAIA, A. C. **Progresso e religião. A República no Brasil e em Portugal.** Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra; Uberlândia: Edufu, 2007.

_____. A República e a teleologia histórica do espiritismo. In: ISAIA, Artur Cesar e MANOEL, Ivan Aparecido (org.). **Espiritismo e religiões afro-brasileiras.** São Paulo: Ed. Unesp, 2012.

KARDEC, Allan. **Obras póstumas.** Brasília: FEB, 2017.

_____. **O evangelho segundo o espiritismo.** Brasília: FEB, 2019.

_____. **A gênese.** Brasília: FEB, 2020.

KOSELLECK, Reinhart. **Crítica e crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês.** Rio de Janeiro: Contraponto, 1999.

_____. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos.** Rio de Janeiro: Contraponto e Ed. PUC-Rio, 2006.

LEWGOY, Bernardo. **Os espíritas e as letras.** 2000. Tese (Doutorado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

_____. **O grande mediador: Chico Xavier e a cultura brasileira.** Bauru: EDUSC, 2004.

LÖWY, Michael. **A guerra dos deuses: religião e política na América Latina.** Petrópolis: Vozes, 2000.

MACHADO, Rosana Pinheiro e SCALCO, Lucia Mury. Da esperança ao ódio: juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsonarismo. **Cadernos IHU ideias**, nº 278, vol. 16, 2018.

MAES, Hercílio. **Mensagens do astral.** Curitiba: Freitas Bastos, 1983.

MATA, Sérgio da. **História e religião.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

MIGUEL, Sinuê Neckel. Espiritismo e Política: o compasso dos espíritas com a conjuntura dos anos 1930-1940. **Debates do NER**, Porto Alegre, n.15, p.39-70, 2009.

_____. A questão política no Espiritismo: o sagrado e o profano em tensão. In: MOURA, Carlos André S. de; SILVA, Eliane Moura da; SANTOS, Mário R. dos; SILVA, Paulo Julião da (Orgs.). **Religião, Cultura e Política no Brasil: Perspectivas Históricas.** 10. ed. Campinas: Coleção Ideias. IFCH – UNICAMP, 2011. p. 85-108.

_____. **Movimento Universitário Espírita: religião e política no Espiritismo brasileiro (1967-1974).** São Paulo: Alameda, 2014.

_____. Disposições políticas no espiritismo brasileiro: entre “neutralidade” conservadora e aspirações socialistas. **SÆCULUM – Revista de História**, v. 25, n. 42, João Pessoa, p. 86-104, jan./jun. 2020.

MINOIS, Georges. **História do futuro: dos profetas à prospectiva**. São Paulo: Ed. Unesp, 2016.

NOGUEIRA, Fausto Henrique Gomes. **Os espíritos assombram a metrópole: sociabilidades espiritualistas (espírita e esotérica) em São Paulo na Primeira República**. Tese de Doutorado em História pela USP, 2016.

NONGBRI, Brent. **Before religion: a history of a modern concept**. New Haven: Yale University Press, 2013.

SAES, Décio. **Classe média e sistema político no Brasil**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1984.

SIGNATES, Luiz. Espiritismo e política: os tortuosos caminhos do conservadorismo religioso e suas contradições no Brasil. **Caminhos**, Goiânia, Especial, v. 17, p. 138-154, 2019.

SIGNATES, Luiz e DAMÁSIO, João. Configurações digitais da contrahegemonia espírita: uma cartografia dos coletivos progressistas e de esquerda no espiritismo brasileiro. **Revista Tropos: Comunicação, Sociedade e Cultura**, v. 10, n. 1, Julho de 2021.

SILVA, Eliane Moura. **Maçonaria, Anticlericalismo e Livre Pensamento no Brasil (1901-1909)**. Comunicação apresentada no XIX Simpósio Nacional de História – ANPUH, Belo Horizonte, 1997. p. 1-26.

SILVA, Fábio Luiz da. **Espiritismo: história e poder (1938-1949)**. Londrina: Eduel, 2005.

_____. A utopia espírita: cidade espiritual Nosso Lar. In: ISAIA, Artur Cesar e MANOEL, Ivan Aparecido (org.). **Espiritismo e religiões afro-brasileiras**. São Paulo: Ed. Unesp, 2012.

TORRE, Bruna Della. Com quantos paus se faz uma canoa? Notas sobre “A personalidade autoritária”. **Revista Crítica Marxista**, nº 50, 2020.

WILSON, David A. **A história do futuro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

XAVIER, Francisco Cândido. **Emmanuel**. Brasília: FEB, 2018.

_____. **Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho**. Brasília: FEB, 2019.

_____. **A caminho da luz: história da civilização à luz do espiritismo**. Brasília: FEB, 2020.

Recebido em: 05 de setembro de 2021

Aprovado em: 08 de novembro de 2021